A Busca Epistemológica, a Militância Marxista e a Crítica à Institucionalização da Saúde Coletiva

A entrevista com Roberto Passos Nogueira, realizada em 28 de agosto de 2017, oferece uma perspectiva singular sobre a formação do Instituto de Medicina Social (IMS) da UERJ, a evolução da saúde coletiva e as tensões entre o idealismo acadêmico e a pragmática institucional. Nogueira, o primeiro a defender uma tese de mestrado no IMS, narra sua trajetória desde o Ceará até o Rio de Janeiro, marcada por uma profunda busca intelectual e um forte engajamento político. Sua visão é crucial para compreender o espírito de vanguarda do IMS em seus primórdios e a subsequente crítica à sua institucionalização.

1. A Chegada ao IMS: Entre a Filosofia e o Marxismo

Roberto Passos Nogueira descreve sua vinda do Ceará para o Rio de Janeiro e sua chegada ao IMS como uma jornada em busca de um conhecimento que transcendesse a medicina tradicional. Sua formação inicial na Escola de Medicina no Ceará carecia de teorizações filosóficas e sociológicas sobre a saúde, o que o levou a procurar o Instituto. A "ponte" para o IMS foi feita por seu professor Paulo Marcelo Martins Rodrigues, que o conectou a Hesio Cordeiro e Nina Pereira Nunes. Nogueira chegou ao Rio com um interesse marcado pela "epistemologia da medicina", buscando entender as bases do raciocínio médico e a possível contribuição dos computadores para o diagnóstico. Essa indagação, que ele próprio classificava como "neopositivista", contrastava com sua formação política "marcadamente marxista", uma dualidade que percorreria sua trajetória intelectual.

Sua entrada no mestrado do IMS, que na época exigia residência médica, foi facilitada pela indicação de Paulo Marcelo. No entanto, o período de residência foi "péssimo" em termos de desempenho, pois seu interesse estava na Biblioteca Nacional, estudando a história da medicina. Essa obsessão pela história social da medicina, influenciada por autores como George Rosen, culminaria em sua tese de mestrado sobre a formação social das práticas médicas, especificamente a relação entre a medicina interna e a cirurgia. Ele se fascinou pela forma como essas duas categorias, inicialmente distintas (o médico pensador e o cirurgião artesão), se uniram para dar origem à medicina moderna.

2. O Ambiente do IMS: Radicalismo Político e Empatia Intelectual

Nogueira relata que, ao iniciar o mestrado, sentiu-se "extremamente à vontade". Ele se identificou imediatamente com os "becarios" (bolsistas latino-americanos indicados por Juan César García), com quem compartilhava afinidade política e intelectual. Esse grupo, que ele descreve como "muito radicais, politicamente", via o curso de mestrado em Medicina Social como "fundamentalmente marxista" e pressionava por um currículo alinhado a essa visão.

A chegada de Sergio Arouca e Ana Tambellini ao IMS foi um divisor de águas para Nogueira. A parceria com Arouca, que se tornou seu orientador de tese, foi de "empatia total". Embora Arouca não dominasse o tema específico de sua tese, ele soube dar as "dicas essenciais" para fechar o trabalho, demonstrando a qualidade de um bom orientador. Nogueira reconhece que o IMS, em seus primórdios, era um espaço de "conflitos, muitas dificuldades pessoais", mas também de "ousadia" e "criação de novos caminhos".

Ele relembra a conjuntura política desfavorável da ditadura e o papel de Nina Pereira Nunes, que, com sua ligação com o Partido Comunista Brasileiro (PCB), "controlava" a efervescência do grupo para "assegurar a continuidade do processo interno, institucional, acadêmico", temendo a repressão. Nogueira, com a perspectiva do jovem, via seu papel como o de "quebrar" ou "forçar" os limites. Essa tensão entre a vanguarda institucional e o radicalismo dos jovens é um ponto central de sua narrativa.

3. A Primeira Tese e a Crítica à Institucionalização da Saúde Coletiva

A defesa de sua tese de mestrado foi um marco histórico: a primeira tese defendida no Instituto de Medicina Social. Nogueira, no entanto, não tinha a menor ideia da importância desse feito para a instituição, focado apenas na aprovação de Arouca. Sua tese, sobre a história social da medicina e suas questões epistemológicas, refletia a "cara do que se chamava de Medicina Social" – não epidemiologia, mas uma abordagem que cruzava história, filosofia e prática concreta.

Ele lamenta que, com o tempo, a "medicina social como um projeto alternativo se foi", fundindo-se na "saúde coletiva". Embora reconheça que a saúde coletiva é uma "potência no Brasil", com "grandes méritos" e uma "consolidação invejável", ele argumenta que o "sucesso acadêmico" e a "chancela acadêmica" vieram a "limitar em grande parte a possibilidade de inovação, de dissenso, de criação de novos caminhos". Para Nogueira, a saúde coletiva se tornou "disciplinar", com campos bem delimitados e uma "polícia do conhecimento" que "expele" o rebelde, o inconformado.

Ele se vê como um "elemento estranho" que não fez "pacto com a clínica do Pedro Ernesto", um espaço fundamental para a sustentação político-institucional do IMS. Sua rebeldia e busca por um caminho pessoal o fizeram sofrer psicologicamente, mas o levaram a ser a primeira tese defendida no Instituto.

4. O Doutorado e a Persistência da Visão Crítica

Ao comparar o IMS da década de 70 (mestrado) com o da década de 90 (doutorado), Nogueira observa uma transição de um ambiente "meio desorganizado, meio conflituoso" para um Instituto "muito mais estruturado", com cada um em seu lugar e maior academicismo. No doutorado, ele trabalhou com Ivan Illich, um autor que questionava a medicina "de cabo a rabo"

e que, segundo Nogueira, foi "escanteado" pela saúde coletiva brasileira. Sua tese sobre Illich, embora não tenha tido grande impacto no Brasil, foi publicada na Argentina e demonstra sua persistência em explorar autores "anômalos" que extrapolavam os limites do campo.

Nogueira conclui que a saúde coletiva, apesar de seu crescimento institucional e de sua importância histórica para o movimento social da saúde (ele próprio foi presidente do Cebes), consolidou uma visão "muito incompleta" da saúde. Ele defende a necessidade de ousadia e de trazer conhecimentos de outras áreas, lamentando a formatação excessiva do campo. Sua trajetória é um testemunho da busca incessante por uma compreensão mais profunda e crítica da saúde, para além das fronteiras disciplinares e das conveniências institucionais.